

Paulo Prado e Mário de Andrade: um amor à brasileira

ANDRADE, Maria da Conceição Tavares de.¹

bonequinhaceica@hotmail.com

COSTA, Alciêne Araújo.²

alciprincesa@hotmail.com

SILVA, Veronica Pinheiro da.³

veronica_ps1@hotmail.com

MATOS, Luís Manuel Estrela de. (Orientador)

Graduado em Comunicação Social, Mestre em Literatura Brasileira e Professor da
Universidade Tiradentes.

Resumo:

A partir dos livros *Retrato do Brasil* de Paulo Prado e *Macunaíma* de Mario de Andrade, este artigo objetiva mostrar como, ao longo do processo histórico, social, ideológico, e principalmente literário, o homem brasileiro vem tentando construir sua própria identidade. Essa temática é apresentada de uma forma que o leitor entenda os principais motivos que fizeram com que nós, brasileiros, viéssemos há vários séculos construindo uma identidade, ou melhor, um sentimento nacionalista, sentimento este cada vez mais distante, uma vez que esses elementos nacionais vêm sendo sistematicamente, por motivos histórico-ideológicos, esquecidos, ou mesmo colocados em segundo plano.

Palavras – chave:

Identidade; nacionalismo; cultura; construção; homem.

-
1. Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
 2. Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Tiradentes – UNIT.
 3. Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

Durante séculos o brasileiro vem tentando construir sua identidade nacional. Já no Romantismo, século XIX, com o advento político da “Independência”, em 1822, essa busca pela construção de uma identidade nacional começa a ser despertada no homem brasileiro. De forma utópica, idealizadora, ou melhor, ufanista, os escritores buscaram a construção dessa identidade em meio à natureza, aos pássaros, enfim, focavam-se nas belezas da nossa terra, estes escritores foram os românticos, ou seja, da escola literária, Romantismo, que saíram à frente dessa discussão, acerca da construção de uma identidade do homem brasileiro, discussão essa levantada até os dias atuais.

Cem anos se passaram e chegamos a 1922 ainda buscando construir essa identidade, o que significa dizer que o brasileiro cada vez menos se conhece, e essa temática foi bem explorada pelos jovens escritores modernistas do século XX aqui no Brasil, pois foi nesse século que repercutiram grandes idéias, principalmente na década de 20 com a Semana de Arte Moderna de 1922, sobre o que venha a ser o nacionalismo brasileiro, pois para muitos escritores com Mário de Andrade, por exemplo, a identidade de um povo só é firmada a partir de uma divulgação universal de seus elementos nacionais, pois não é concebível, muito menos lógico, que um país isolado culturalmente possa produzir uma literatura de caráter universal.

Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de brasileirar o Brasil. Problema atual, modernismo, repara bem porque hoje só valem artes nacionais... E nós só seremos universais o dia em que o coeficiente brasileiro nosso concorrer para riqueza universal (ANDRADE, apud. MORAES, 1978, p.52).

Durante a década de 20 do século XX, os jovens escritores modernistas propuseram inovações estéticas e temáticas para as nossas artes até então um tanto defasadas, posto que, por

cem anos, estas se moldaram a partir de estilos literários presos ao tradicionalismo, e a proposta modernista consistia em reverter esse quadro, mas isso só seria possível a partir da combinação de elementos da literatura estrangeira, em particular das vanguardas européias, com os elementos da nossa cultura, ou seja, com os elementos nacionais que nesse momento revolucionário da nossa literatura eram discutidos por dois grandes nomes do meio artístico da época, Paulo Prado e Mário de Andrade.

Segundo Paulo Prado, o nacionalismo era a “tomada de consciência das limitações e virtualidades do corpo social” (PRADO, 1997, P. 11), ou seja, o nacionalismo não era como muitos pensavam, a resolução para os problemas referentes a construção da nossa identidade nacional, ele era, sim, um dos caminhos para se poder chegar a resposta de uma pergunta que vinha sendo feita há mais de cem anos, “romper os laços que nos amarram desde o nascimento à velha Europa, decadente e esgotada” (PRADO, 1997, P. 11), eis o que era para Paulo Prado esse sentimento nacionalista.

Para alguns escritores, a verdadeira identidade de um povo é o seu próprio reconhecimento enquanto ser social, ou seja, é a sua identificação cultural, com os elementos de sua pátria, daí as várias repercussões causadas durante a década de 20 com relação ao nacionalismo brasileiro, já que é a partir dessa nacionalização que o homem se identifica.

Em fins da década de 20 surgem duas grandes obras na literatura brasileira que abordam especificamente a questão referente a identidade do homem brasileiro, são elas, *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado e *Macunaíma* do escritor Mário de Andrade, ambos mostram

em suas obras é discutido alguns dos possíveis motivos de os brasileiros não possuírem uma identidade sedimentada, um desses motivos é o que se refere ao dinheiro, ou com Paulo Prado intitula em seu livro *Retrato do Brasil*, “A cobiça”.

Essa ganância que os colonizadores, os portugueses, nos transmitiram e que também pode ter sido fruto da miscigenação desses com negros e os índios, é muito bem descrita nas duas obras, sendo que uma, *Retrato do Brasil*, é um breve histórico do que tenha sido esse período de nossa formação, enquanto a outra, *Macunaíma*, segundo o crítico Haroldo de Campos “satiriza os defeitos do brasileiro” (CAMPOS, 1973, P. 78), ou seja, Mário de Andrade constrói o seu personagem Macunaíma de uma forma mítica – fabular mostrando através de uma leitura divertida alguns dos motivos que impediram, e ainda impedem a construção da identidade do homem brasileiro.

Antes de estas duas obras serem publicadas, houve um ano em que essas idéias nacionalistas causaram muita repercussão, no ano de 1924, quando as idéias brasileiras vão tentar se adequar às idéias vanguardistas da Europa. É nesse momento que surge o movimento Antropofágico que teve como líder o escritor modernista brasileiro Oswald de Andrade, cujo objetivo era o de “devorar” a cultura estrangeira para unir suas idéias as nossas e assim fazer com que a literatura brasileira ganhasse um caráter universal, pois só a partir daí o brasileiro conseguiria identificar-se nacionalmente.

A polêmica gerada com relação ao movimento Antropofágico se deu pela não aceitação de idéias externas que de certa forma vinham a influenciar a nossa cultura. Segundo Flávio R. Kothe em seu livro *O cânone colonial*:

O fechamento dos olhos ao plano internacional pretende ser progressista, nacionalista, mas, ao evitar comparações, acaba sendo uma forma de conservadorismo e ignorância, ainda que praticada por consagrados autores da exegese canônica ou canonizante. O mesmo erro, pelo avesso, seria admitir irrestritamente tudo o que vem de fora, passando-se assim de um extremo a outro (KOTHE, 1997, P. 131).

A partir daí pode-se observar que a idéia da antropofagia apregoada por Oswald de Andrade tinha fundamento, uma vez que, é ilusório pensar que existe cultura que não sofra influências externas, pois pensar assim é como pensar que as vanguardas européias estiveram restritas apenas a Europa ou até mesmo aos seus respectivos países de origem.

Com isso, as obras *Retrato do Brasil* e *Macunaíma* apresentam de forma brilhante o perfil do homem brasileiro, elas mostram um homem que tenta construir constantemente sua identidade, mas que não consegue construir devido à miscigenação que ocorreu no período colonial, esta pode ser considerada uma das causas dessa falta de nacionalismo do homem brasileiro. Em alguns momentos das duas obras percebe-se que o fator étnico exerceu forte influencia na formação do nosso povo, o que por conseqüência afetou a construção de nossa identidade.

O fator étnico trouxe como conseqüência para o Brasil o confronto entre várias culturas, várias crenças, o que de certa forma implicou na construção de uma identidade nacional, pois nesse caso sempre há um processo de aculturação, onde o mais desenvolvido, nesse caso os países europeus, passa a impor suas condições ao menos desenvolvidas, o Brasil, e com essa aculturação, ou melhor, com esse domínio cultural fica difícil identificar-se nacionalmente.

Dessa forma, não se pode dizer que as obras de Paulo Prado e Mário de Andrade foram frutos de uma combinação entre os escritores para abordarem a problemática do homem brasileiro e da sua identidade, o que houve na verdade foi que ambos perceberam que o nosso povo ainda estava em formação, o que dificultava a nossa posição dentro da própria pátria, pois éramos simples copiadores, ou melhor, em um termo mais literário, nossa cultura era Mimese da cultura européia, e Paulo Prado junto a Mário de Andrade e companhia vieram a despertar a nossa gente para a construção dessa nacionalidade, posto que, não só temos capacidade para isso, mas principalmente, a nossa cultura é rica e variada o suficiente para concorrermos com o mercado europeu, e assim podermos construir uma identidade nacional própria, a partir dos elementos culturais, como o folclorista Mário de Andrade registrou em *Macunaíma*, fruto de suas andanças pelo interior brasileiro.

PAULO PRADO, MÁRIO DE ANDRADE E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL.

Tanto Paulo Prado quanto Mário de Andrade fizeram parte da elite intelectual de São Paulo do início até meados do século XX, mais especificamente da elite intelectual da década de 20, sendo que, o prestígio econômico recaía sobre Paulo Prado, posto que este fosse de família nobre, o que o possibilitou ser um dos financiadores, se não o maior deles, da Semana de Arte Moderna de 1922.

Mas, o fator econômico não foi o único que contribuiu para que Paulo Prado financiasse a Semana de 22, pois este tendo uma posição social privilegiada fez constantes

viagens a Europa desde menino na companhia de seu tio, também intelectual, Eduardo Prado, fato esse que o fez despertar não só para as idéias de inovações artísticas de um modo geral, mas também, porque nessas constantes idas ao Velho Mundo, pôde observar, de forma concreta, a situação do Brasil, ou melhor, do homem brasileiro mais especificamente, em relação a situação do homem europeu.

O seu livro *Retrato do Brasil* mostra de forma compacta, porém incisiva, a história do homem brasileiro ao longo de toda fase colonial até os primórdios da República Velha, ou seja, ele faz uma abordagem crítica sobre a formação do caráter do homem brasileiro, de seu caráter *Sui Generis*, seus costumes, sua moral, enfim, seu modo de vida. Na verdade, o que o leitor observa ao ler esta obra é que desde o início um certo protótipo para a busca de uma ser brasileiro, ou seja, a construção de uma identidade nos acompanha há séculos. Para exemplificamos vale lembrar aqui a poesia satírico-crítica de Gregório Matos que já problematizava a relação metrópole / colônia.

Em *Retrato do Brasil* Paulo Prado deixa claro que o brasileiro não tem obtido sucesso ao tentar construir uma identidade nacional, e essa falta de sucesso se dá, ou seja, vem se estendendo por conta da falta de organização social que o homem brasileiro sofreu e tem sofrido como consequência do tipo de colonização que ocorreu em nosso território, ou seja, o Brasil não foi colonizado apenas pelos portugueses, mas também por ingleses, holandeses, franceses, dentre outros. Esse foi o fator que impossibilitou o Brasil de se organizar socialmente.

A falta de organização político-social em nosso país teve como consequência o nascimento de uma sociedade ambiciosa que vive constantemente buscando não seu ser, ou

melhor, a sua identidade, mas sim o dinheiro, o ouro de que tanto fala Paulo Prado no livro *Retrato do Brasil* em um capítulo intitulado “A cobiça”, onde ele mostra as loucuras e paranóias dos colonizadores que percorreram todo o Brasil na busca incessante desse ouro. Segundo o autor:

Individualismo infrene, anárquico pela “volatilização dos instintos sociais” cada qual tendo no peito a mais formidável ambição que nenhuma lei ou nenhum homem limitava, e entregue ao encanto de novidade da surpresa (PRADO, 1997, P. 92).

Portanto, o insucesso do homem brasileiro no processo de construção de sua identidade nacional pode se dever ao fato de esse homem almejar apenas as coisas materiais, e colocar em segundo plano o seu caráter, o seu ser. Foi dessa forma que se deu a formação do homem brasileiro, a partir da chegada de europeus que nada mais, nada menos, buscavam nas suas viagens mundo a fora, um lugar onde não houvesse leis, mas onde houvesse mulheres bonitas e onde tudo fosse permitido, e principalmente, que nesse lugar tivesse muito ouro, pois só assim seria possível fugir de uma sociedade européia cheia de dogmas religiosos e de leis que sufocavam o homem.

Por isso, quando os portugueses, por exemplo, chegaram ao Brasil sentiam-se mais em casa de sua própria terra, Portugal, já que aqui, além de possuírem muitas índias ao seu dispor, sem precisar manter encontros secretos, e o que é melhor, sem precisar prestar contas a Deus ou as leis terrestre, possuíam a paz e a tranqüilidade de um lugar onde as novidades saltavam aos olhos dos colonizadores, como uma natureza exuberante, de clima tropical e muito diversificada em sua fauna e flora, composta por elementos desconhecidos na Europa. Com essa fuga os europeus também buscavam riquezas, ouro, diamante, pedras preciosas, o que em dado

momento causou sérios problemas aos nossos cofres, pois todo esse ouro era esbanjado sem limites, justamente como pretendiam viver os colonizadores em nosso território. Todo o ouro brasileiro era enviado para a Europa com a finalidade de bancar festas luxuosas promovidas pelo rei da metrópole, além de patrocinar os caríssimos vestidos, e as jóias das mulheres que faziam parte da elite européia da época.

No Brasil, a sociedade era composta na grande maioria por escravos, e estes mesmo participando de alguma forma dos contrabandos de ouro, não possuíam trajes caros, pelo contrário, suas roupas eram feitas com restos de tecidos cedidos pelos seus respectivos donos, já que o ouro adquirido no contrabando era destinado à tão sonhada carta de alforria.

Essa busca por ouro acabou por deixar o homem europeu transtornado, ambicioso que pensava dia e noite sem cessar, nas palavras de Paulo Prado em “Ouro. Ouro”. E essa é a formação do homem brasileiro, estes são herdeiros de europeus ambiciosos, e de africanos e índios que também não abriram mão do seu quinhão, e esse é uma dos fatores que impossibilitaram ao homem brasileiro, ainda no século XX, de construir sua identidade, ou melhor, de ao menos interessar-se por essa possibilidade de construir um ser brasileiro, ou seja, ele vive à imagem e semelhança do outro que nesse caso é o europeu.

Paulo Prado é realista em *Retrato do Brasil*, pois este percebe durante as suas viagens que, o que falta na sociedade brasileira é organização, e essa organização depende de em grande parte dos poderosos políticos, mas é na literatura que Paulo Prado mostra a força do nosso país, observando que o Brasil possui elementos suficientes para se desenvolver culturalmente, daí ele

ter sido um dos financiadores da Semana de 1922, um dos maiores eventos já existente na literatura brasileira, que trouxe as inovações artísticas que assolavam toda a Europa do início do século XX.

Segundo Randal Johnson em seu livro *Literatura e cinema*,

Uma das ironias e contradições do momento inicial modernismo é que, para combater o código literário dominante importado da Europa, os modernistas também buscaram na Europa novas e modernas técnicas literárias. (JOHNSON, 1982 P. 47 – 48)

Isso ocorria porque o Brasil simplesmente não oferecia as condições necessárias de renovação literária, pois normas estéticas arcaicas dominavam a arte em todos os níveis da nossa literatura, no romance, na pintura, e principalmente na poesia.

Como se vê, as repercussões causadas pela Semana de 22 tiveram, ou melhor, têm uma explicação, como já foi mencionado, o Brasil possui sim elementos suficientes para universalizar a nossa literatura, o que pretendiam os jovens escritores modernistas, ou seja, universalizar sem perder de vista os acontecimentos artísticos do Ocidente, mas o grande problema estava em escritores que já eram consagrados na época, os tradicionalistas, como Monteiro Lobato, por exemplo, que não admitiam essas inovações, essa “paranóia” como o próprio escritor se referiu a obra da pintora modernista Anita Mafalti, isso foi o que Randal Johnson chamou de “posição ideológica indefinida” (JOHNSON, 1982, P. 59). Para ele, os escritores modernista não havia se decidido, pelo menos um bom número deles, quanto ao rumo que se deveria tomar na nossa literatura.

Esse fato revela a imaturidade, até mesmo dos escritores, quanto ao entendimento do que seja uma inovação artística, ou melhor, do que seja uma arte moderna, pois nossas artes moldavam-se em padrões arcaicos, ou seja, enquanto a Europa ia longe, o Brasil estagnava, ou melhor, parava no tempo da poesia Parnasiana.

Isso não é justificável pelo fato de escritores como Oswald de Andrade e Paulo Prado terem oportunidade de fazerem constantes viagens a Europa, e por sua vez possuírem um maior contato com todas as inovações artísticas, pois o nosso escritor modernista Mário de Andrade morreu sem nunca ter ido a Europa, e nem por isso deixou de ter contato com os movimentos artísticos que lá surgiam.

Apesar de ter sido um grande folclorista, ou seja, um grande estudioso da cultura popular brasileira, Mário de Andrade mantinha-se informado do que se passava na Europa, e por incrível que pareça era tão informado quanto os escritores brasileiros que lá estavam constantemente, pois Mário de Andrade mantinha correspondências com estes escritores no período em que eles estavam fazendo essas viagens. A prova disso é que Mário de Andrade ficou conhecido na época entre tantos outros grandes nomes daquele momento como o Papa do modernismo brasileiro, modernismo esse que tentou mesclar as idéias vanguardistas com os nossos elementos culturais.

Mas todo esse conhecimento que Mário de Andrade possuía sobre esses movimentos não o interessou tanto quanto o seu estudo acerca da cultura popular brasileira, pois para ele era

através da cultura popular que o homem brasileiro conseguia se identificar enquanto ser, o que iria possibilitar na construção de uma identidade nacional até então inexistente.

Através de seu livro *Macunaíma* publicado um ano após *Retrato do Brasil*, Mário de Andrade confirma a teoria histórica de Paulo Prado, só que de uma forma menos séria, mas engraçada, mas nem por isso menos crítica, já que o riso que Macunaíma, seu herói, desperta no leitor é um riso sarcástico, não é uma simples brincadeira, como aparenta, é sim uma mostra de que a verdadeira identidade do homem brasileiro está no perfil de Macunaíma, daí ele ser considerado o herói de nosso povo pelo próprio escritor, pois segundo Mário de Andrade, Macunaíma é um herói sem caráter, isso não quer dizer que ele seja mau caráter, mas segundo o seu próprio nome ele é um “grande mau” (' Maku = mau e o sufixo aumentativo 'ima' = grande), isso quer dizer, ele se utiliza de perícias para conseguir a todo o momento safar-se de determinadas situações de perigo.

Para Mário de Andrade essa falta de caráter é... a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior, no sentimento, na língua, na História, na andadura, tanto no bem como no mau” (ATHAIDE,apud., LOPES, 1978, P. 334).

Daí podermos considerar Macunaíma uma representação desse homem brasileiro que esta constantemente tentando construir uma identidade nacional. Nessa coletânea da cultura, ou melhor, culturas brasileiras, o folclorista vai tentar construir essa identidade, despertando o caráter nacionalista brasileiro que também foi interesse de seu contemporâneo Paulo Prado, que mesmo não conhecendo a nossa cultura popular como Mário de Andrade, percebeu através de um estudo histórico-social, bem colocado em seu livro *Retrato do Brasil*, que o brasileiro é um

povo que ri aparentemente, mas que por trás desse sorriso existe uma grande tristeza e uma pergunta que não quer calar “quem sou eu”?

MACUNAÍMA E SUA COBIÇA PELA MUIRAQUITÃ

Uma das semelhanças entre *Macunaíma* e *Retrato do Brasil* é justamente a de ambas retratarem a busca incansável do homem brasileiro por algo que possui um enorme valor social, dinheiro. Cada uma das obras possui suas peculiaridades nessa abordagem do perfil do homem brasileiro, cuja identidade não está formada.

Em *Macunaíma*, por exemplo, Mário de Andrade cria uma personagem cômico-satírica, nas palavras de Haroldo de Campos “o Herói é múltiplo” (CAMPOS, 1973, P. 112). Na verdade, a sua personagem é a representação dessa variada cultura popular brasileira, cultura essa a que Mário de Andrade dedicou muitos anos de pesquisa.

Nessa obra, pouco extensa, o autor consegue mostrar as riquezas da nossa cultura popular, desde comidas, danças, tradições religiosas, até as variações lingüísticas existentes em nossa língua que mereceram um estudo particular do autor de *Paulicéia Desvairada*.

Mas, toda a obra de Mário de Andrade, assim como a de Paulo Prado, faz na verdade, de forma distinta, é claro, um estudo sobre a formação do caráter do homem brasileiro, e em *Macunaíma*, o personagem de mesmo nome revela esse caráter, ou melhor, essa falta de caráter através da sua incansável busca por um talismã perdido e que pode lhe trazer sorte, e por isso,

ele, o personagem, apronta todas as peripécias possíveis para recuperar essa pedra. Também em *Retrato do Brasil*, no capítulo “A cobiça” Paulo Prado mostra a ambição do europeu sobre o ouro brasileiro, ambição essa que nos foi legada, ou seja, foi consequência desse processo de colonização ambicioso, pois o homem brasileiro, sempre esteve à procura de algo que o colocasse em uma posição de destaque, e esse algo foi sempre o dinheiro, o ouro, o luxo, e como caráter não se compra, constrói-se, o nosso povo não conseguiu construir, de maneira mais ou menos satisfatória a sua própria identidade.

A narrativa que é um misto de lendas indígenas, construída por Mário de Andrade, revela-nos na personagem Macunaíma um brasileiro interesseiro, que só pensa em dinheiro, e em passar rasteiras nas pessoas, ainda que estas sejam parentes seus, como acontece em todo o livro. Para Haroldo de Campos, em seu livro *Morfologia do Macunaíma*:

Macunaíma tem algo de tolo, ou falso tolo: não fala, é preguiçoso, vive deitado espiando o trabalho dos outros; só esperta quando vê dinheiro ou diante de mulher. É o herói sonso-sabido, cujo caráter contraditório já se delinea (CAMPOS, 1973, P. 109).

“Tolo, ou falso tolo”, eis o enigma de Macunaíma que Haroldo de Campos tentou desvendar. Na verdade não se sabe quem ele é, já que Macunaíma muda de comportamento ao longo de toda narrativa, a bem dizer ele é um ser falso que só se preocupa com as suas vontades, e para recuperar a sua Muiraquitã utiliza-se de malandragens, isso é o que se pode afirmar ser a falta de caráter dessa personagem, já que o dinheiro para este vem acima de qualquer coisa, para sermos mais precisos, o dinheiro consegue comprar até mesmo o próprio homem, pois este se vende facilmente, como ocorre com Macunaíma quando Mario de Andrade mostra já no

primeiro capítulo: “Vivia deitado, mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava para ganhar vintém”.

Para Haroldo de Campos “Seu caráter esta justamente em não ter caráter definido” (CAMPOS, 1973, P. 110), ou seja, Macunaíma é um anti-herói que mostra não apenas o lado malandro do brasileiro, mas também o lado ingênuo, pois ele não só ganha vantagem sobre as outras pessoas, mas em alguns momentos Macunaíma também é passado para trás, daí as oposições com relação ao seu comportamento, bom / mau, esperto / ingênuo, oposições essas bem colocadas na obra de Mário de Andrade.

Com isso, o término dessas aventuras, que ocorreram pelo interior do Brasil I em busca da Muiraquitã tem um fim contraditório a toda a sua saga na história, pois o herói, esperto, deixa-se vencer e acaba caindo em uma armadilha depois de ter armado tantas ao logo da história contada na obra. Esse fim de Macunaíma, ou seja, a sua morte, pode ser comparada ao fim do homem europeu retratado no livro de Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, pois nesta obra ele não coloca a morte do homem especificamente, mas mostra a tristeza destes europeus que, depois de tanto cobiçarem o ouro brasileiro, terminaram tão miseráveis quanto eram antes, além de tornarem-se homens tristes e mal resolvidos. Infelizmente, foi a partir desses homens mal resolvidos que se formou a sociedade brasileira, homens do tipo Macunaíma, que depois de recuperar a tal pedra preciosa, pedra essa que movimenta toda história, morre vítima de uma armadilha, ironia do destino, é claro, terminando como mais uma estrela sem brilho, assim como o europeu que depois de tanto buscar o ouro, o seu brilho foi ofuscado, e sua vida permaneceu quase nula.

O NACIONALISMO NAS DÉCADAS DE 60 E 70 NO BRASIL

Macunaíma ganhou novo destaque no cenário cultural brasileiro quando em 1969, Joaquim Pedro de Andrade adapta a obra para o cinema. Essa adaptação trouxe, na época, uma discussão crítica acerca do que foram os anos 50 na política brasileira durante a presidência de Juscelino Kubitschek. Durante esse período, surgiu no Brasil, mais uma vez, uma falsa ideologia nacionalista, o que Randal Johnson em seu livro *Literatura e cinema* chamou de “A ideologia desenvolvimentista” (JOHNSON, 1982, P. 67). Ou seja, a partir de um possível desenvolvimento econômico o presidente Juscelino Kubitschek garantia a nacionalidade brasileira, pois este foi o discurso que vigorou naquela época, os famosos anos JK.

Na prática esse discurso não funcionava, pois o Brasil continuava exacerbadamente usufruindo os elementos estrangeiros. Dessa forma, esse discurso era totalmente contraditório, posto que o objetivo do governo na verdade não era o de despertar a nacionalidade do povo brasileiro, mas sim o de defender seus interesses particulares, e esses por sua vez, estava ligado ao governo norte-americano, pois agora não era mais a Europa quem nos ameaçava.

Nesse período, entre o governo de JK e o governo Militar, foi filmado Macunaíma, que veio com sérias críticas a essa política de contradições. No filme não se percebe tanto humor quanto no livro publicado na década de 20, mas ele traz uma temática muito voltada para nossa nacionalidade, e faz o telespectador refletir diante da tela sobre o que seja ser brasileiro, em um país tão contraditório, como o nosso. Esse foi um dos objetivos de Joaquim Pedro de Andrade ao adaptar a obra de Mário de Andrade para o cinema justamente naquela época.

A música brasileira também sofreu a influência da cultura norte-americana, com o Rock que tomou conta do mundo naquela época, nas décadas de 60 e 70, os compositores brasileiros Caetano Veloso e Gilberto Gil com seu nacionalismo crítico, ou seja, sem xenofobia, foram os criadores do movimento Tropicalista que teve como objetivo na época “devorar” os elementos estrangeiros para unir e repensar a nossa cultura, o que nos remete a Oswald de Andrade com o seu movimento antropofágico na década de 20.

Nas palavras de Randal Johnson:

Ao invés de simplesmente se oporem ao “iê – iê – iê” eles resolveram, na tradição de Oswald de Andrade, consumir e reelaborar influências estrangeiras e locais na criação de uma forma de música verdadeiramente brasileira (JOHNSON, 1982, P. 75).

Dessa forma, ao invés de ignorar a universalidade da música norte-americana, os Tropicalistas, assim como já propunham os modernistas de 1922, resolveram aderir a essa nova tendência para poder relacioná-la a cultura brasileira de uma forma que nem uma, nem a outra saíssem perdendo, pois não existe cultura homogênea, toda cultura é híbrida, um país não vive isolado culturalmente, até porque nesse período de 60 e 70 os meios de comunicação de massa estavam ganhando poder na sociedade, o que possibilitou, com a ajuda do governo, é claro, uma divulgação muito rápida, ou melhor, uma perda de controle com relação à expansão da cultura norte-americana em nosso país.

Mais uma vez os intelectuais necessitavam despertar na sociedade esse sentimento de nacionalidade que persegue o homem brasileiro desde a sua formação social, no entanto, fica

mais difícil à medida que o tempo passa despertar essa nacionalidade, dado que durante a nossa história fomos aculturados, ou seja, atraídos por forças ideológicas opostas, e isso é uma forte consequência do nosso “inocente” processo de colonização, pois como é que o Brasil, segundo o nosso presidente JK, poderia dar certo se desde o começo tudo estava errado?

Depois de quase um ano de pesquisar a construção nacional do homem brasileiro o que se pôde perceber foi que, o Brasil é um país rodeado de riquezas (culturais e naturais), mas infelizmente não as valorizam devido as constantes influências de culturas estrangeiras em nosso território.

Na verdade, o que acontece em nosso país é sempre o contrario do que ocorre nos países estrangeiros, pois enquanto no Brasil esse espírito nacionalista só aparece de 4 em 4 anos, ou seja, no período de Copa do Mundo, nos países estrangeiros, o nacionalismo é um sentimento tão comum quanto a felicidade, por exemplo, e isso ocorre porque estes países não aceitam facilmente que outras culturas dominem o seu território, pois a cultura importada só é aceita depois de muito olhar crítico. Já no Brasil a cultura importada entra tão facilmente que consegue derrubar as nossas tendências culturais.

No decorrer das pesquisas percebeu-se que os intelectuais brasileiros como Paulo Prado e Mário de Andrade, por exemplo, lutaram para inverter essa situação, mas o nosso contexto histórico-político não permitia essa abertura, pois o nosso nacionalismo sempre se limitou aos interesses de segundos que não possuíam, e, infelizmente, ainda não possuem, a menor intenção em valorizar os elementos verdadeiramente nacionais.

Enfim, essa busca por uma identidade nacional não cessa no povo brasileiro, que mesmo sendo a imagem e semelhança do estrangeiro procura sempre um “jeitinho brasileiro” para viver, e esse jeito brasileiro é o jeito macunaímico de ser, com as suas malandragens e espertezas, mas que traz consigo uma pergunta que mesmo depois de tantas discussões não foi respondida, qual seja, “quem é o homem brasileiro?” É por isso que este trabalho não pode ser dado por encerrado. Ele é um incentivo para que o leitor leve adiante essas indagações, pois só assim, quem sabe um dia, se tenha uma boa resposta para essa difícil, e incontornável pergunta.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. 33. ed Belo Horizonte / Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 2004.

- ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In.: **Aspectos da literatura brasileira**. 5. ed. São Paulo, Martins, 1974.

- ÁVILA, Affonso. **Modernismo**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 4. ed. 3. reimpr. São Paulo, Companhia de letras, 2003.

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo, Cultrix, 2003.

- CAMPOS, Haroldo de. **Morfologia do Macunaíma**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1973.

- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (co-direção). A revolução modernista. In. **A literatura no Brasil**: Era Modernista. 3. ed. Revista e atualizada. Niterói, RJ, José Olympio, 1986.

- JAFFE, Noemi. **Macunaíma**. São Paulo, Publifolha, 2001.

- JOHNSON, Randal. **Literatura e cinema** – Macunaíma: do modernismo na literatura ao cinema novo. São Paulo, T. A. Queiroz, 1982.

- KOTHE, Flávio R. **O cânone colonial**: ensaio. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997.

- LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter / Mário de Andrade. – Editora Crítica. – Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos; São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

- LOPEZ, Telê Porto Ancona. **Mário de Andrade**: Ramais e Caminho. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1972.

- MORAES, Eduardo Jardim de. **A brasilidade modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.

- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. organização Carlos Augusto Calil. 8. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

- SANTIAGO, Silvino. **Nas malhas da letra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

- SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**: Ensaios. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

- STEGAGNO PICCHIO, Luciana. **História da literatura Brasileira**. 2. ed. Ver. e atual. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2004.